Juventude Operária Católica  
7 de outubro de 2017

Hoje, **dia 7 de outubro, realiza-se a Jornada Mundial pelo Trabalho Digno**, que será comemorado pela JOC – Juventude Operária Católica, LOC/MTC – Liga Operária Católica/Movimento de Trabalhadores Cristãos e MAAC – Movimento de Apostolado de Adolescentes e Crianças,  movimentos de Ação Católica que, em conjunto, constituem a Pastoral Operária.

Este dia vai ser celebrado através de ações de rua e “vigílias de oração” em diversos locais do país, nomeadamente, em Braga, Porto, Coimbra, Aveiro, Santarém e Lisboa com o propósito de “[…] incentivar e consciencializar as comunidades cristãs, autarquias, governo, sindicatos, comissões de trabalhadores e organizações empresariais a colaborar para **colocar no centro a pessoa e a sua humanização”. Sabias disto?**

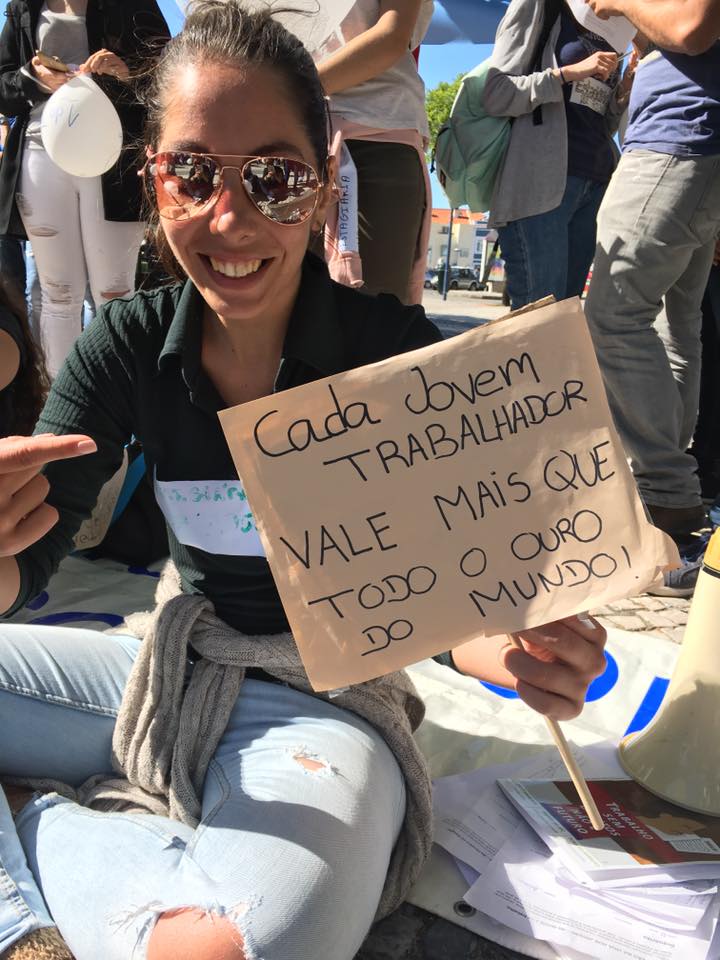
Acreditamos que é prioritário lutarmos por um trabalho digno e mais justo para todos, por isso, acreditamos e repetimos as palavras do Papa Francisco, quando diz que **“O problema é não levar o pão para casa, isto tira a dignidade. O problema pior é a dignidade, por isso temos que trabalhar e defender a dignidade que nos dá o trabalho”** (no Encontro com os trabalhadores e estudantes do sector da industria, em Molise, 5 de julho de 2014).

São muitos os aspetos que hoje em dia não nos conferem dignidade como jovens. Por esta razão, a nossa preocupação é **alertar e denunciar situações que não concedam a máxima dignidade aos jovens, para que, desta forma, também estes fiquem despertos para outras situações semelhantes na sociedade, as identifiquem e as transformem**.

[](http://www.dnpj.pt/wp-content/uploads/2017/10/JOC-Dia-Internacional-do-Trabalho-Digno-2.jpg)Esta falta de dignidade começa desde logo na **procura do primeiro emprego** onde as primeiras dificuldades sentidas por parte dos jovens estão na tentativa de inserção no mercado de trabalho, para o qual, na maior parte das vezes, é exigida experiência profissional. Esta situação, muitas vezes, é motivo de revolta para o jovem que procura trabalho pela primeira vez e se pergunta “como é que alguém a quem não é dada oportunidade poderá vir a ter algum tipo experiência profissional para apresentar?”.

Muitas das vezes também nos são relatos casos de **estágios profissionais abusivos** e que não cumprem a sua finalidade, como por exemplo, postos de trabalho a serem ocupados por estagiários que são encarados como trabalhadores (e não estagiários, em apredizagem), vendo assim os seus direitos reduzidos e desiguais face aos restantes trabalhadores, sem acompanhamento definido por lei e sem a remuneração adequada. Na verdade, os jovens nesta situação sentem-se pressionados a cumprir planos de trabalho excessivos e a realizar horas extras não pagas, na expectativa da sua possível contratação.

A enorme parte dos jovens em Portugal trabalha a recibos verdes ou a contratos de trabalho a termo e de curto-prazo, onde se vêm privados de direitos fundamentais como as férias, a baixa por incapacidade, o subsídio de desemprego, entre outros direitos aos quais todo o trabalhador tem direito. Vivemos marcados pela **precariedade**, portanto! Com empregos onde impera o excesso de trabalho, as horas extraordinárias (muitas vezes não remuneradas), o clima de competitividade, os salários precários e o bullying no trabalho por parte dos colegas e muitas vezes da entidade patronal, os jovens sentem-se apenas como uma máquina para a empresa atingir a produtividade desejada. **Muitas destas situações laborais são as responsáveis por a saúde física e mental dos jovens ser posta em causa, assim como todos os seus projetos de vida e adiamento dos mesmos.**

[](http://www.dnpj.pt/wp-content/uploads/2017/10/JOC-Dia-Internacional-do-Trabalho-Digno-1.jpg)Com estas jornadas procuramos levar ESPERANÇA a estes jovens que se encontram em situações de precariedade e de indignidade nos seus locais de trabalho, queremos que estes tenham coragem de denunciar o que lhes asfixia a vida. Queremos que aqueles a quem conseguirmos chegar com esta mensagem e estas ações sintam que não estão sós nem sozinhos e que falar abertamente sobre estas questões, em conjunto, também é ser e viver em Igreja. Procuramos ainda que as entidades patronais reforcem o sentido das palavras RESPEITO, LIBERDADE e DIREITOS, entidades estas constituídas por pessoas que também são filhos de Deus.

Acreditamos que Jesus Cristo nos aponta caminhos concretos, onde **o trabalho deve ser um meio de dignificação da pessoa e não da sua diminuição**, como dizia o fundador do nosso Movimento, Joseph Cardijn “Nós não somos “bestas de carga mas sim filhos e filhas de Deus”.

Trabalhamos para que todos juntos saibamos encontrar “um trabalho que, em qualquer sociedade, seja expressão da dignidade essencial de todo o homem e mulher”, de toda a Juventude, porque “**o Trabalho está para o Homem e não o Homem para o Trabalho**” (no Manifesto da Pastoral Operária, 2017).

Juventude Operária Católica  
7 de outubro de 2017